

Fernanda Ribeiro e Maria Elisa Cerveira, org.

I Congresso ISKO Espanha e Portugal

XI Congreso ISKO España

7 a 9 de novembro de 2013

Informação e/ou Conhecimento:
as duas faces de Jano

Atas



Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CETAC.MEDIA
ISKO



ANA PAULA DA SILVA
Universidade de São Paulo
anap.sab@hotmail.com

CIBELE ARAÚJO CAMARGO MARQUES DOS SANTOS
Universidade de São Paulo
cibeleac@usp.br

Resumo Discute a utilização da Classificação Decimal de Dewey - CDD, buscando compreender sua proposta de organização de obras literárias. Tabela comumente adotada por bibliotecas brasileiras, cumpre papel importante na organização física do acervo, porém parece não suprir as necessidades de recuperação de informação existentes. Este sistema foi criado objetivando organizar fisicamente acervos, a partir do princípio de sistema hierárquico, tratando o conhecimento de forma estática sem considerar as complexas relações entre as áreas e a interdisciplinaridade de um mundo cada vez mais dinâmico. Tem por objetivo identificar recursos existentes na CDD para a área de literatura, investigar formas de organização de obras literárias e outras propostas de classificação. Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o conceito de classificação, Mevil Dewey e sua classificação, recursos da CDD e propostas alternativas para obras literárias. Apresenta o conceito de classificação, estruturas da CDD, histórico da classe 800 - Literatura, mostrando seu desenvolvimento ao longo de mais de um século e vinte e três edições. Expõe três propostas alternativas para a organização de obras literárias: o Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais (Barbosa, 2005), a lista BISAC da associação norte-americana BISG e os casos de bibliotecas públicas da Austrália e Reino Unido que aproximam suas classificações da organização das livrarias apresentados por (Marker, 2008). Mostra que por mais que existam recursos nos sistemas de classificação tradicionais também existe uma busca por novos métodos que minimizem os ruídos na comunicação entre obras/informação e usuário. Apresenta exemplos de uso de recursos da CDD em algumas bibliotecas. Não foram encontrados muitos trabalhos sobre o tema, e apesar de constantes atualizações, a CDD não é plenamente explorada nos recursos que oferece à classificação de obras literárias, o que leva ao questionamento sobre a razão dessa não utilização e reforça a importância de novos estudos.

Palavras-chave Classificação Decimal de Dewey - CDD. Organização de acervos. Obras literárias.

Abstract Discusses the use of the Dewey Decimal Classification - CDD, seeking to understand its proposed organization of literary works. Table commonly adopted by Brazilian libraries, fulfills an important role in the physical organization of the collection, but does not seem to meet the needs of existing information retrieval. This system was created aiming physically organizing collections, from the principle of hierarchical system, treating knowledge as static without considering the complex relationships between the areas and the interdisciplinary nature of a world increasingly dynamic. Aims to identify existing resources in the area for CDD literature, investigate ways of organizing literary and other proposed classification. Bibliographical research on the classification concept, Dewey Mevil and their classification, features of CDD and alternative proposals for literary works. Introduces the concept of classification structures of CDD, historical class 800 - Literature, showing its development over more than a century and twenty-three editions. Exposes three alternative proposals for the organization of literary works: the controlled vocabulary for indexing fictional works (Barbosa, 2005), the list of BISAC North American Association BISG and cases of public libraries in Australia and the UK approaching their ratings of organization bookstores presented by (Marker, 2008). Shows that while there are resources in traditional classification systems there is also a search for new methods to minimize noise in the communication between construction / information and user. Provides examples of resource use CDD in some libraries. There were found many papers on the topic, and despite constant updates, the CDD is not fully exploited the resources that provides the classification of literary works, which leads to questions about the reason for this non-use and reinforces the importance of further studies.

Keywords Dewey Decimal Classification - DDC. Organizing collections. Literary works.

Introdução

Neste trabalho discutimos a utilização do sistema de Classificação Decimal de Dewey - CDD, buscando compreender como ele auxilia na organização e recuperação de informações de obras literárias.

Mesmo sendo a CDD uma tabela comumente utilizada por bibliotecas brasileiras, e cumprindo o seu papel de organização, ela parece não suprir as necessidades de recuperação existentes em um acervo de obras literárias, como romance, poesia, conto, crítica literária, etc.

O sistema de Classificação Decimal de Dewey foi criado em 1873 e ainda que tenha sido constantemente atualizado ao longo de mais de um século de existência, apresentando um contínuo desenvolvimento e atualmente seja disponibilizado via online para assinantes, a estrutura principal continuou a mesma, o que causa algumas dificuldades para trabalhar/classificar um mundo cada vez mais dinâmico e que valoriza cada vez mais as relações interdisciplinares. Observando acervos de obras literárias, nos deparamos com este problema de comunicação, um ruído entre o acervo/informação e o usuário.

Existem propostas hoje que apresentam formas alternativas de intermediar esta relação, aqui serão apresentadas três delas. Exploramos os recursos existentes na CDD para a área da literatura, buscando compreender sua utilização, investigando formas específicas de organização de obras literárias nesta classificação e expondo outras propostas.

1 A classificação

A classificação é um processo natural do ser humano, classificamos objetos e ideias para agilizar a vida cotidiana e os processos mentais, mesmo que na maior parte do tempo não estejamos conscientes das classificações que fazemos.

Ao escolhermos nossas roupas para vestir estamos naturalmente classificando nossas opções, podemos classificar as roupas como “roupa para um dia de frio” e “roupa para um dia quente” ou “roupa formal” e “roupa informal”, esta classificação nos levará a fazer a escolha mais adequada para determinada situação. Sem necessariamente entrar em questão de mérito: bom ou ruim, nosso cotidiano está repleto de classificações que nos auxiliam.

Portanto, a classificação é uma separação de objetos e ideias diferentes, e o agrupamento de objetos e ideias semelhantes, que tem por objetivo nos auxiliar em determinadas escolhas. Por ser um processo que nos ajuda em diversos momentos, a classificação ou as características que irão determinar o agrupamento ou a separação das coisas também poderá variar de acordo com a decisão a ser tomada, assim um objeto ou ideia pode ser classificado de formas diferentes em momentos distintos, o jogo de tênis pode ser classificado como um esporte com bola, esporte individual, esporte de quadra, esporte popular ou não, esporte olímpico, esporte tradicional ou não, esporte profissional ou amador, sua classificação dependerá do objetivo e necessidade daquele momento. Não podemos dizer, portanto, que existe uma única classificação correta, a discussão possível é se a classificação é adequada para o objetivo ao qual se propõe.

Embora a classificação seja um processo recorrente e muitas vezes inconsciente, é também um processo cultural, sendo que nossas classificações mais espontâneas se baseiam em conhecimentos sociais arraigados, e as classificações mais artificiais também respondem ao pensamento dominante em uma determinada época e em um determinado local, como destaca Durkheim (citado por Burke, 2003, p.78): “As categorias do pensamento humano nunca são fixadas de forma definitiva; elas se fazem, desfazem e refazem incessantemente: mudam com o lugar e com o tempo”.

O desenvolvimento do conhecimento, das ciências e das publicações impressas criou a necessidade de classificações cada vez mais específicas. Com o aprofundamento dos conhecimentos

gerais e científicos surgiram sistemas de classificação do conhecimento que os organizassem e com isso facilitassem a estruturação dos estudos e dos currículos das universidades. Por sua vez, a criação da imprensa e a multiplicação rápida de publicações impressas gerou a necessidade de sistemas de classificação que organizassem essas publicações.

Ao longo dos últimos séculos diversos sistemas foram propostos com essas finalidades, cada sistema proposto tinha como base o pensamento de sua época, os sistemas desenvolvidos para organizar publicações bibliográficas se basearam nos sistemas filosóficos apresentados para classificar o conhecimento de uma forma geral. A partir do século 17, o conhecimento passa a ser visto como algo cumulativo, ao mesmo tempo em que os números já vinham ganhando importância, sendo considerados como um conhecimento impessoal e/ou imparcial. Os sistemas de classificação bibliográfica criados mais tarde são resultado destes pensamentos.

Embora haja muitas discussões filosóficas envolvendo os sistemas de classificação e as fronteiras existentes, ou não, entre uma disciplina e outra, os sistemas de classificação utilizados nas bibliotecas têm como primeira finalidade organizar fisicamente os documentos, sendo eles baseados em classificações filosóficas acabam por apresentar alguns problemas quando adaptados para a classificação bibliográfica.

A classificação em bibliotecas funciona também como a primeira forma de indexação das obras, como afirma Langridge (2006, p.105): “(...) a penetração da classificação na vida sugere que deve haver muito de classificação em qualquer forma de indexação de assuntos. (...)”, e completa:

Um esquema de classificação é uma linguagem de indexação que produzirá um índice final arranjado em ordem sistemática. Uma lista de cabeçalhos de assunto é uma linguagem de indexação que produzirá um índice arranjado em ordem alfabética de assuntos com referências-cruzadas para mostrar as principais relações. Para qualquer um desses tipos devemos traduzir a análise de assuntos de um documento feita em nossas próprias palavras para uma linguagem controlada (números de classes em um esquema de classificação, termos escolhidos em uma determinada ordem para uma lista de cabeçalhos de assunto) (Langridge, 2006, p.108).

Na primeira etapa da classificação de documentos em uma biblioteca que é definir sobre o que este documento trata o objetivo não deve ser só encontrar um lugar na estante para ele, mas é a partir desta decisão que se estabelecerá uma comunicação com os usuários da biblioteca, esta escolha implica na maneira como o usuário, em primeira instância, conhecerá o acervo da biblioteca. O ideal é que a solicitação pela informação corresponda à forma escolhida pelo classificador para tratar o documento, mas aqui temos outro problema que pode ser apontado nos sistemas de classificação, um ruído na comunicação entre sistema e usuário com relação à indexação primária da obra, como indaga Barbosa et al. (2005, p.2): “quantos leitores, até hoje, chegaram a nossa biblioteca e pediram 'um livro de literatura alemã?'”.

Como afirma Pombo (1988, p.8): “Classificar é então escolher uma entre outras classificações logicamente possíveis procurando encontrar, para a escolha feita, um conjunto de razões suficientes.” Mas parece que em alguns casos as opções existentes limitam o classificador de maneira a restringir sua comunicação com o usuário.

Tratando esta questão colocada por Barbosa (2005) do tema Literatura, isso pode ser explicado em parte pela afirmação de Langridge quando ele aponta que é mais complexo encaixar as humanidades (artes, história, religião e filosofia) nos esquemas de classificação do que as ciências, já que estas possuem definições fixas, enquanto aquelas “Estão frequentemente muito mais relacionadas com indivíduos do que com classes de objetos” (2006, p.98).

Embora a afirmação possa ser verdadeira, a discussão mais corrente com relação a este tipo de problema é a limitação dos próprios sistemas de classificação, como já mencionado, eles foram criados baseados no pensamento dominante de sua época e para suprir necessidades práticas daquele momento, mais de um século atrás, portanto, parece coerente pensar, depois de um século em que o conhecimento e as ciências se multiplicaram de forma assombrosa, e a informação foi democratizada ao mesmo tempo em que o desafio de organizá-la tornou-se muito maior em função de sua disponibilidade, que os sistemas já existentes não podem dar conta das novas demandas surgidas neste cenário.

Considerando que sistemas tradicionais não possam dar conta das novas demandas, mas considerando também que a preocupação constante com sua atualização é um índice de que existem nestes sistemas qualidades que são úteis para o trabalho nas bibliotecas, podemos questionar se é imprescindível a utilização de mais de um instrumento para estabelecer uma comunicação eficiente entre usuário e biblioteca.

2 A Classificação Decimal de Dewey – CDD

Melvil Dewey, nascido em 1851 nos Estados Unidos foi o idealizador de um dos sistemas de classificação mais utilizados em todo mundo, não por acaso é lembrado como o pai da Biblioteconomia Moderna.

Antes de Dewey, as bibliotecas eram organizadas pelo chamado sistema fixo de localização, ou seja, salas, estantes, prateleiras e livros eram numerados e a sequência desses números indicava a localização da obra na biblioteca, mas a mudança de uma obra de lugar causava um efeito dominó e todas as obras subsequentes sofriam alteração em sua localização, isso provocava um constante retrabalho em bibliotecas em crescimento, já que a localização só era válida para o acervo localizado naquele local específico, a necessidade de mudança para uma sala maior ou para outro prédio significava a necessidade de uma reclassificação dos livros (Guarido, 2008, 2010).

De acordo com a autora acima, pensando em todo o tempo e energia desperdiçados em um trabalho que periodicamente tinha que ser refeito, e considerando a possibilidade de livre-acesso do público aos livros, Dewey empenhou-se na busca de um método que resolvesse o problema, organizando as estantes de maneira a facilitar o trabalho de funcionários e frequentadores de sua biblioteca. Depois de visitar várias bibliotecas buscando uma solução e observar a recorrência do problema, em 1873, Dewey teve uma espécie de epifania. Ele pensou num sistema que tornaria a classificação relativa e a organização dos livros por assuntos serviria para qualquer estante, de qualquer sala, de qualquer biblioteca, acabando com a necessidade de reclassificação dos livros cada vez que houvesse o crescimento da biblioteca.

Aos 21 anos, trabalhando como assistente, Dewey obteve autorização para aplicar seu plano de classificação na biblioteca do Anherst College. O método funcionou e em 1876 a primeira edição é publicada anonimamente intitulada *A classification and subject index for cataloging and arranging the books and pamphlets of a library* (Classificação e índice de assunto para catalogação e arranjo de livros e panfletos de uma biblioteca).

Por volta dessa época muitos sistemas de classificação estavam sendo criados e experimentados, e Dewey recebeu um pedido de autorização para que seu sistema de classificação pudesse ser traduzido para o francês; aquilo que seria uma tradução ganha um aumento considerável e uma mudança de foco, sendo publicado em 1905 como um novo sistema de classificação, a Classificação Decimal Universal – CDU dos belgas Paul Otlet e Henry de La Fontaine, que se apresenta com uma preocupação maior na organização de ideias e não só na organização física de um acervo; isso torna o sistema de Dewey a base de outro sistema de classificação muito importante e bastante utilizado nas bibliotecas pelo mundo (Guarido, 2010).

Melvil Dewey faleceu em 1931, mas sua contribuição para a Biblioteconomia permanece, estando hoje o seu sistema de classificação na 23ª. edição.

O sistema de classificação idealizado por Dewey baseia-se numa organização intelectual dos livros a partir do uso de números decimais. Os livros são organizados por assuntos, para tanto o conhecimento humano foi dividido em dez classes, com base no sistema filosófico de Francis Bacon, e essas classes divididas em mais dez subclasses cada uma, que poderão ser divididas em mais dez e assim sucessivamente.

A estrutura da CDD é hierárquica, sendo as primeiras classes mais gerais e representadas por assuntos canônicos, e as subclasses vão ficando cada vez mais específicas, cabendo ao classificador definir o nível de detalhamento necessário para cada assunto em seu acervo. Estas classes de assuntos são identificadas por números decimais que irão indicar sua posição na hierarquia intelectual e sua localização na biblioteca. Convencionou-se que nenhum número na classificação deve ter menos de três dígitos, sendo as classes mais gerais assim numeradas:

- 000 – Generalidades
- 100 – Filosofia e psicologia
- 200 – Religião
- 300 – Ciências Sociais
- 400 – Língua
- 500 – Ciências Naturais e Matemática
- 600 – Tecnologia (Ciências Aplicadas)
- 700 – Belas Artes
- 800 – Literatura e Retórica
- 900 – Geografia e História

A quantidade de números na notação aumenta de acordo com o nível de especificidade do assunto, quando a notação tem mais de três dígitos convencionou-se colocar um ponto “.” depois do terceiro número, isso facilita a leitura e a memorização dos números, como no exemplo: 869.3 – Romance Português.

Esta estrutura permanece desde a primeira publicação, sendo que nem as classes principais, nem as primeiras subclasses sofreram grandes alterações ao longo deste século.

Outra característica da CDD, particularmente importante para este estudo, são as tabelas auxiliares que dão o suporte necessário para detalhar determinados assuntos que não aparecem de maneira tão específica nos esquemas gerais, apesar dessas tabelas apresentarem numeração elas não devem ser utilizadas sozinhas, tendo o classificador que se lembrar sempre que estes são números auxiliares que ajudam a compor a notação, sendo a notação um código utilizado para representar o assunto e tem a função de indicar a ordem de organização do acervo.

Embora a estabilidade na estrutura possa ser apresentada como qualidade, também pode ser apontada como um problema já que o sistema hierárquico tende a projetar o conhecimento do mundo como algo estático e hermético.

Ao longo dos seus mais de 100 anos a CDD foi sendo atualizada tendo sempre como referência a tentativa de equilíbrio entre evolução e tradição, Guarido (2008) em sua *História da CDD* nos mostra algumas edições que trouxeram mudanças significativas na estrutura geral da publicação, das edições apresentadas destaco algumas: 2ª. edição (1885) – feita a partir das 44 páginas da primeira edição, foi revista e aumentada estabelecendo a forma e a política do sistema para as próximas décadas; 13ª. edição (1932) – foi a primeira edição após a morte de Dewey e foi chamada de Edição Memorial; 15ª. edição (1951) - Edição Padrão, expôs o conhecimento de modo hierárquico, feita para bibliotecas com acervo inferior a 200.000 livros; 17ª.edição (1965) – dá ênfase ao relacionamento de

assuntos e traz a classificação por disciplinas; 18ª. edição (1971) – houve o aumento de cinco tabelas auxiliares no sistema.

A partir de 1988 a CDD passa a integrar a OCLC - Online Computer Library Center e a 20ª. edição (1989) é a primeira edição a ser produzida com a utilização de suporte on-line. O sistema segue sendo atualizado, porém de forma mais constante já que a atualização online é muito mais fácil do que a publicação de uma nova edição.

Hoje a CDD é publicada nas duas versões, papel e virtual, a 22ª. (2003) e 23ª. (2011) edições estão disponíveis para assinantes no site da OCLC¹, além da 15ª. edição abreviada. O site oferece treinamentos, atualizações trimestrais e a possibilidade de participar de discussões sobre o sistema.

2.1 A literatura na CDD

Agora vamos apresentar de forma mais específica os recursos oferecidos pela classe 800 – Literatura da CDD. Primeiro vamos ver o esquema geral, sua utilização e possibilidades, e posteriormente vamos às tabelas auxiliares. Antecedendo os recursos de classificação atuais temos um breve histórico das modificações sofridas pela classe ao longo de sua existência.

2.2 A classe 800

A classe 800 – Literatura sofreu algumas alterações ao longo dos anos e, especialmente para os falantes e leitores da língua portuguesa, algumas das mudanças ocorridas foram bastante significativas.

- Em sua primeira edição (1876) a classe de literatura já tinha a estrutura básica que possui hoje, com suas subdivisões, a mesma numeração para as formas literárias, a numeração 890 reservada para línguas consideradas de menor expressão ou menos conhecidas para os ocidentais e a literatura grega e latina com divisões de formas diferentes das demais línguas, como mostra a figura 1.

¹ <http://connexion.oclc.org>

829	"	Miscellany.	879	"	History.
830		German Literature.	880		Greek Literature.
831	"	Poetry.	881	"	Poetry.
832	"	Drama.	882		<i>Dramatic.</i>
833	"	Romance.	883		<i>Epic.</i>
834	"	Essays.	884		<i>Lyric.</i>
835	"	Oratory.	885	"	Oratory.
836	"	Letters.	886	"	Letters.
837	"	Satire.	887	"	Humor.
838	"	Humor.	888	"	Philosophy.
839	"	Miscellany.	889	"	History.
840		French Literature.	890		Other Languages.
841	"	Poetry.	891		Chinese.
842	"	Drama.	892		Egyptian.
843	"	Romance.	893		Semitic.
844	"	Essays.	894		Indian.
845	"	Oratory.	895		Iranian.
846	"	Letters.	896		Keltic.
847	"	Satire.	897		Slavic.
848	"	Humor.	898		Scandinavian.
849	"	Miscellany.	899		Other.

Figura 1 – Detalhe do esquema da classe 800 na 1ª. edição da CDD.²

- Para a segunda edição (1885) foi acrescentada para cada literatura uma subdivisão em períodos, e dentro destes períodos uma série de autores considerados significativos recebia cada um a sua numeração. A literatura portuguesa não apresentava nenhum tipo de divisão. Já a literatura norte-americana ganhava destaque ao receber a numeração 810, figurando assim como a primeira literatura a aparecer na organização física do acervo.
- Na terceira edição (1888) aparecem as tabelas auxiliares e a estrutura da classe continua a mesma. Esta foi a configuração da classe 800 por muitos anos, a literatura brasileira não constava das edições e a literatura portuguesa possuía somente sua notação 869 e as indicações para divisão de formas (-1 ao -9).
- Na 13ª. edição (1932) a subdivisão 860 passa a ser apresentada como “Literatura espanhola e portuguesa”, até então só a literatura espanhola figurava no título da subclasse.
- A literatura brasileira só veio a aparecer na 14ª. edição (1942) com o número 869.899891 e sem nenhuma indicação de divisões.
- Na 15ª. edição (1951) cada literatura passa a ter os seus respectivos períodos numerados, e os autores específicos somem. Para a literatura brasileira é apresentada a sugestão de que ela seja classificada sob o número 869 precedido da letra B que passa a identificar o Brasil.
- A 16ª. edição (1958) traz uma divisão por períodos para a literatura portuguesa, consolida a notação B869 para a literatura brasileira e inclui outros países falantes da língua portuguesa.
- Na 17ª. edição (1967) a literatura portuguesa segue sendo desenvolvida, neste momento a recomendação é que todos os países falantes da língua portuguesa sigam as divisões para literatura portuguesa.
- A 18ª. edição (1971) apresenta divisão de períodos específica para a literatura brasileira.

² Fonte: <http://www.archive.org/stream/decimal01dewe#page/n22/mode/1up>

- A partir da 19ª. edição o esquema principal da classe fica estabilizado e as alterações ocorrem somente na tabela auxiliar.

Para a apresentação dos recursos foram utilizados três autores distintos visando contemplar toda a classe visto que cada um deles nos dá um enfoque diferente, são eles: Maura Duarte Moreira Guarido, *Como usar e aplicar a CDD 22ª.edição*, 2008; Marcelo Nair dos Santos, *Classificação Decimal de Dewey: classificação das obras literárias*, 2010; e Noêmia Lentino, *Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica*, 1971.

O texto apresentado por Guarido (2008) chama a atenção para questões gerais, recomendações que devem ser seguidas por todo classificador.

Uma questão particularmente pertinente à classificação de obras literárias é a Redução da notação, neste ponto Guarido (2008) observa bem o fato da CDD ser uma tabela adaptável e servir tanto à classificação geral quanto à classificação específica, cabendo, portanto, ao classificador avaliar as necessidades de uma maior especificidade, o que resultará em uma notação mais extensa, ou uma menor especificidade na classificação de seu acervo, o que resultará em uma notação mais enxuta.

Interessante notar que a capacidade de adaptação do sistema já vem sendo explorado há muito tempo. Lentino (1971) cita em seu trabalho o fato de Ramiz Galvão ter desenvolvido uma extensão para as literaturas portuguesa e brasileira antes que essas aparecessem nas edições da CDD, essa extensão foi publicada em catálogo pelo Gabinete Português de Leitura em 1906, mais tarde, em 1943, a bibliotecária Adelpha Silva Rodrigues Figueiredo revisou o trabalho de Ramiz Galvão e publicou sua revisão, esta revisão aparece no trabalho de Lentino com a divisão de períodos e autores destacados nas literaturas portuguesa e brasileira.

Outro assunto apresentado por Guarido (2008) que nos é bastante pertinente são as Obras relacionadas, por serem as obras literárias muitas vezes adaptadas para outras formas (cinema, peça teatral, espetáculo de dança) ou traduzidas para outras línguas, além de comumente serem objeto de críticas e estudos. De acordo com a autora, a CDD recomenda que adaptações sejam classificadas junto à obra original, porém a recomendação não parece ser uma regra ficando a cargo do classificador seguir ou não a indicação.

Esta recomendação já havia sido feita por Lentino (1971, p.130): “(...) Achamos, porém, melhor reunir todas as obras, originais e traduções de ficção ou não-ficção, sob o mesmo número, o que facilita grandemente o trabalho e será mais didático.”

Santos (2010) nos apresenta a classe 800 explicando que a numeração de 800 – 809 é destinada à notação de temas gerais e estudos literários que não tratem de uma forma ou uma língua específica e os números de 810 – 890 são destinados à notação das diversas literaturas de acordo com a língua. Sendo que as notações de 810 – 889 tratam das línguas mais faladas ou mais conhecidas pelo mundo, enquanto as notações sob o número 890 são reservadas para línguas faladas por menor número de pessoas ou menos conhecidas, essas línguas são reunidas por famílias linguísticas ou áreas geográficas.

Conforme nos explica Santos (2010), a classe 810 pode ser utilizada para destacar uma literatura ou reduzir sua notação, assim uma literatura que tenha destaque em determinado acervo pode ser classificada sob a notação 810, deslocando-se a literatura norte-americana para a notação 820. Também uma literatura que tenha uma notação longa, segundo a CDD pode ser tratada através do mesmo método.

Outra opção para priorizar uma literatura é utilizar símbolos ou letras em sua notação, assim ao substituir o segundo dígito da notação por um símbolo ou letra esta notação antecederá a notação 810. Eis dois exemplos que o autor nos oferece:

Também com o objetivo de simplificar uma notação, o autor nos apresenta mais uma opção, desta vez ele mostra como diferenciar literaturas escritas na mesma língua em países distintos sem utilizar a notação extensa sugerida na CDD, onde ao final de cada literatura se faz a combinação da notação da língua com a notação da área geográfica o que resulta na notação 869.89923 para Romance brasileiro.

É possível utilizar letras que identifiquem o país de origem da literatura junto ao número básico da língua em questão, assim podemos classificar a literatura brasileira em B869, a literatura portuguesa em P869, a literatura angolana em A869, o mesmo podendo ocorrer com qualquer outra língua falada em mais de um país como o inglês, o francês, o italiano, o espanhol, etc.

Lentino (1971) destaca que o arranjo desta classe é diferente das outras por não priorizar o assunto, devendo para a classificação das obras seguir a ordem: língua, forma literária, cronologia do autor.

Esta ideia também é destacada por Santos (2010, p.4) quando dá ênfase para o fato de que “obra literária é classificada pela língua na qual foi originalmente escrita (...)”, e nos aponta que o uso da Tabela 3 e suas subtabelas permite definir os gêneros e as formas literárias.

Santos (2010) apresenta uma fórmula para classificação de obras literárias que merece destaque por sua fácil compreensão e memorização:

$$N + T3$$

Onde:

N = notação base da literatura
T3 = gênero ou forma literária das subtabelas A ou B

N é obtido na notação da CDD entre os números 810 e 899, sendo que quando o número terminar em zero este deverá ser desprezado não fazendo parte da notação.

A utilização das tabelas auxiliares para literatura, ou seja, a referida Tabela 3 e suas subtabelas serão exploradas a seguir.

3 Tabelas auxiliares

- As tabelas auxiliares aparecem pela primeira vez já na 2ª. edição (1885) da CDD assim divididas:

Tabela 1 - Divisão geográfica

Tabela 3 / Parte 1 – Línguas e Literaturas

Tabela 3 / Parte 2 – Filologia

A Tabela de Línguas e Literaturas apresentava uma lista com a numeração para algumas literaturas, umas que constavam no esquema principal e outras que não estavam listadas nele.

- Na 3ª. edição (1888) são cinco as tabelas:

Tabela 1 - Divisão geográfica

Tabela 2 - Divisão de formas

Tabela 3 - Línguas

Tabela 4 - Divisão filológica

Tabela 5 - Literatura

As tabelas de línguas e literaturas foram separadas.

- A estrutura das tabelas permaneceu a mesma durante muitos anos, na 14ª. edição as tabelas de língua e de literatura são unidas novamente voltando a formar uma única tabela, a tabela 3 que apresentava uma lista de línguas com seus respectivos números para a língua em si e para a literatura dali derivada,
- Na 16ª. edição (1967) é publicada uma tabela para auxiliar na classificação das obras de Shakespeare.
- A 18ª. edição apresenta a tabela de literatura bem desenvolvida com possibilidade de classificar a obra por temas, grupos étnicos, elementos específicos, pessoas.

Exemplos: B869.2409355

B869.2 – teatro brasileiro

4 – período de 1921 - 1999

093 55 – coisas cotidianas

- A partir da 19ª. edição as alterações feitas na CDD para a classe de literatura são todas na tabela auxiliar que nesta edição é desdobrada, sendo a Tabela 3 auxiliar para classificar formas literárias como ensaio, histórias curtas, etc. e com a Tabela 3A surge a possibilidade de classificar as obras literárias fazendo referência ao assunto do qual elas tratam.

- Exemplos:

O número 3 refere-se a temas específicos e suas subdivisões mostram tais especificidades:

B869.43355

- B869.4 – Ensaio brasileiro
- 3 – período de 1830 - 1921
- 355 – temas sociais

O número 9 refere-se a tipos de pessoas específicos e suas subdivisões mostram tais especificidades:

B869.149287

- B869.1 – Poesia brasileira
- 4 – período de 1921 - 1999

o 9287 – mulheres

- Na 20^a. edição, a tabela de literatura passa por novo desdobramento, sob o título de *Table 3 - Subdivisions for individual literature, for specific literary forms* é publicada uma breve apresentação das três divisões que vem a seguir e algumas recomendações para utilizá-las. A tabela 3A auxilia na classificação de obras de ou sobre um único autor; a tabela 3B auxilia na classificação de obras de ou sobre dois ou mais autores; e a tabela 3C só deve ser utilizada quando há instruções específicas na tabela 3B ou nas notações 808 – 809. Todas elas apresentam a possibilidade de classificar as obras pela forma, pelo tema, por tipos de pessoas, etc.
- À 21^a. edição acrescenta-se à Tabela 3C a possibilidade de auxiliar na classificação das subdivisões de arte 700.4 e 791.4.
- Nas 22^a. e 23^a. edições as tabelas auxiliares de literatura permaneceram como na 21^a. edição. Atualmente são seis as tabelas auxiliares:

1. Subdivisões padrão
2. Área
3. Subdivisões para artes literárias individuais, para formas específicas
4. Subdivisões de idiomas individuais e famílias de idiomas
5. Grupos étnicos e nacionais
6. Idiomas

No caso da classe 800, as tabelas funcionam para possibilitar a classificação por assunto, já que como foi mostrado anteriormente a classe de literatura, ao contrário das outras, não prioriza o assunto ao definir a classificação.

Como expõe Guarido (2008), a tabela 3 trata das formas literárias, características, temas e pessoas, a tabela é dividida em três partes, e o que as difere é que a primeira parte auxilia na classificação de obras de um único autor, a segunda parte auxilia na classificação de obras de dois ou mais autores e a terceira parte é reservada para temas mais específicos.

Santos (2010) explica que a Tabela 3A é destinada ao auxílio da classificação de obras de ou sobre um único autor e inclui na notação o período em que a obra foi produzida. Para cada literatura existe uma tabela dos períodos literários específicos. Cada autor terá sua obra classificada em um único período literário sendo recomendado que no caso de o autor ter produzido em mais de um desses períodos sua obra deverá ser classificada no período em que os estudiosos da área identificarem o autor, caso não haja consenso entre os estudiosos a obra deverá ser classificada no período em que a maioria dos livros foi publicada.

Os gêneros e formas literárias primárias são apresentadas na tabela 3 em uma ordem diferente da numérica, observando que no caso de uma obra contemplar mais de uma forma literária, ela deverá ser classificada respeitando a ordem apresentada: 2 - teatro, 1 - poesia, 3 - romance, 4 - ensaio, 5 - oratória, 6 - cartas, 8 - miscelânea.

Em um exemplo dado por Santos (2010), “cartas poéticas” serão classificadas em poesia – 1 e não em cartas – 6. Mais claro, porém é o exemplo dado pela própria tabela que explica que um drama escrito em versos será classificado como 2 - teatro e não como 1 - poesia.

Guarido (2010) apresenta as tabelas de forma bastante breve, utilizando-se de exemplos para o melhor entendimento, com relação à Tabela 3B, a autora nos mostra que esta contempla as coleções, nos dando como exemplo formas mais específicas de classificação como a poesia épica.

Santos (2010) por sua vez expõe que a Tabela 3B é destinada a auxiliar na classificação de obras de ou sobre dois ou mais autores e a forma de montagem da notação é idêntica a forma geral. Esta tabela também permite uma maior especificidade dos gêneros literários, por exemplo, subdividindo a Ficção – 3 em Contos – 301, Romance histórico – 3081, Aventura – 3087, Terror – 30873.

Sobre a Tabela 3C, os autores são sucintos, Guarido (2008) aponta que esta tabela auxilia na construção da notação de coleções com características específicas, que versam sobre um tema ou uma pessoa em especial.

Santos (2010) chama a atenção para seu uso bem mais restrito, podendo ser utilizada no complemento das classes 700.4, 791.4, na sequência 808-809 e em algumas notações da Tabela 3B. O autor também aponta como possibilidades da tabela a classificação de literaturas com temas específicos e períodos literários específicos como Realismo, Romantismo, Simbolismo, etc.

Outra possibilidade de auxílio na construção de notações para a classe de literatura é a Tabela 6 que trata de idiomas e dialetos, servindo de base para a construção de notações das classes 490 – Outras línguas, dialetos e 890 – Línguas, dialetos e literaturas específicas, porém esta tabela só deve ser usada quando houver instruções específicas nos Esquemas ou Tabelas auxiliares (Guarido, 2008).

4 O Sistema de Dewey e alternativas para a organização de obras literárias

O Sistema de Classificação de Dewey parece servir bem à finalidade para a qual foi primordialmente criado, a organização e localização física do acervo, as críticas surgem quando entramos no campo conceitual das suas estruturas hierárquicas ou quando atribuímos à classificação o papel de primeira indexação das obras, como afirma Langridge (2006) e neste trabalho adotamos como diretriz já que o assunto sob o qual a obra for classificada poderá determinar a facilidade ou a dificuldade de acesso do usuário a ela.

Neste ponto é importante destacar que a classificação serve essencialmente à organização física do acervo, enquanto a indexação tem como objetivo a recuperação da informação através de palavras-chave. Indexar uma obra é relacioná-la a palavras-chave que representem seu conteúdo de maneira que a informação possa ser recuperada mesmo na ausência da obra. A classificação e a indexação são instrumentos complementares na rotina de trabalho de uma biblioteca já que através da indexação recuperamos a informação e através da classificação recuperamos a obra. Assim a indexação auxilia na recuperação da informação em uma busca anterior à ida ao acervo. Já a classificação determina a localização do livro nas estantes e funciona como a primeira indexação na medida em que corresponde a primeira palavra-chave ou na medida em que a busca se dê diretamente no acervo.

A insatisfação com esse papel de primeiro indexador da obra se evidencia pelas propostas que surgem de organizar obras literárias de formas alternativas.

No livro *Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais* de Barbosa et al. (2005) existe uma proposta para a organização de obras literárias, sejam elas livros ou em quaisquer outros suportes, para bibliotecas cujo público não seja especializado, o objetivo da nova organização é facilitar e aumentar o acesso dos usuários aos livros desejados ou que possam despertar interesse, com possibilidade de uso para arranjo do acervo e para indexação.

O BISAC (Book Industry Standards and Communications), ligado à The Book Industry Study Group, Inc. (BISG) associação norte americana que cuida da política, normas e pesquisas técnicas relacionadas aos livros, grupo que tem por objetivo simplificar a logística para todos os envolvidos no comércio e circulação de livros, como editores, fabricantes, fornecedores e bibliotecários, tem uma proposta de organização e indexação de livros para que todas as instâncias relacionadas com os negócios de livros se comuniquem melhor, no site da associação a lista de termos recomendados está disponível com instruções de uso e um aviso de que se a pessoa não encontrar o termo que está

procurando pode entrar em contato que isso ajudará a melhorar o sistema. A ideia parece bastante comercial e os termos lembram as seções de uma livraria.

O artigo *Finding what you're looking for: a reader-centred approach to the classification of adult fiction in public libraries* (Marker, 2007) discute uma alternativa utilizada em algumas bibliotecas públicas do Reino Unido e da Austrália. Considerando que os livros e a informação têm tido uma demanda cada vez maior e as livrarias tornaram-se um ótimo negócio, mas as bibliotecas perdem espaço, algumas bibliotecas desses países resolveram adotar o esquema de organização das livrarias para as obras de ficção, passando a organizá-las por gênero: Western, Romance, Crime, Ficção científica, Guerra, etc., o que parece ter sido uma estratégia correta já que a circulação dos livros nessas bibliotecas aumentou.

Mas a estratégia é questionada por Marker (2007), ele argumenta que existe uma dificuldade em definir o gênero de algumas obras, até porque algumas delas apresentam mais de um gênero, e que a classificação por gênero é subjetiva. O autor afirma ainda que muitos leitores utilizam o gênero para rejeitar obras e não para escolhê-las. E destaca que seguindo o modelo das livrarias o bibliotecário não faz uma abordagem dirigida, mas muda de função deixando de classificar as obras para decidir em qual mercado leitor ela deve ser colocada.

As críticas de Marker (2007) não parecem muito convincentes já que as mesmas dificuldades e subjetividade podem ser apontadas nos sistemas de classificação tradicionais.

Por outro lado, parece que as propostas apresentadas poderiam ao menos em parte ser supridas pelos recursos existentes no Sistema de Classificação Decimal de Dewey e expostos anteriormente.

A seguir veremos alguns exemplos do uso da CDD em obras literárias, utilizamos para o estudo exploratório seis bibliotecas, sendo que as bibliotecas 1 e 2 são bibliotecas universitárias, as bibliotecas 3 e 4 são institutos de pesquisa, as bibliotecas 1 e 3 são integrantes do mesmo sistema de bibliotecas, a biblioteca 5 é uma biblioteca municipal e a biblioteca 6 é a biblioteca nacional.

Foram pesquisados três autores em todas as bibliotecas, sendo que nem sempre foi possível comparar a classificação da mesma obra nas diferentes bibliotecas, o que no final não se mostrou um problema, mas foram utilizadas obras de mesmo gênero para efeito de comparação, os autores pesquisados foram: Shakespeare (teatro), Euclides da Cunha (Os sertões) e Haroldo de Campos (poesia).

Para a obra dramática de Shakespeare foram encontradas duas classificações:

822 – Teatro inglês (Bibliotecas 1, 4 e 6)

822.33 – Teatro inglês – período elizabetano – William Shakespeare (Bibliotecas 2 e 5)

Ambos os números estão explícitos na CDD, não necessitando de seguir instruções para sua construção, mesmo assim as opiniões se dividem e algumas bibliotecas optam pela classificação mais simples, sendo que as bibliotecas 1 e 5 contrariam o que afirma Langridge (2006, p.51):

As bibliotecas públicas arranjam a literatura para atender de preferência às solicitações de determinadas formas literárias tais como: poesia, drama ou novelas. As bibliotecas acadêmicas arranjam de preferência por período, uma vez que é assim que o assunto é tratado pelos estudantes de literatura.

Interessante notar que a biblioteca que não utilizou o período da obra na notação o fez na indexação, e a biblioteca que utilizou o período para compor a notação o omitiu na indexação, como vemos na Figura 2, isso reforça a necessidade de complementação entre classificação e indexação.

Ficha resumida da obra	
Inf. publicação	LIVROS - Português
ISBN	9788525409225 (broch.)
Número de chamada	
Classificação	822.33
Notação	Sh15r
Ent. princ.	Shakespeare, William, 1564-1616
Título	Romeu e Julieta / William Shakespeare; tradução de Beatriz Viégas-Faria.
Imprenta	Porto Alegre, RS: L&PM, 1998.
Desc. física	162 p.
Série	(L&PM Pocket ; v. 130)
Notas	
Locais	A biblioteca da FE possui a reimpressão de 2004
Locais	A Biblioteca do CTC possui a reimpressão de 2012
Assuntos	1. Teatro inglês

Figura 2 - Registro da obra de Shakespeare na Biblioteca 2.³

Os sertões, de Euclides da Cunha recebeu quatro classificações:

981 – História do Brasil (Bibliotecas 1 e 2)

981.05 – História do Brasil – 1889 - 1930 Primeira república (Bibliotecas 5 e 6)

869.93 – Prosa brasileira (Biblioteca 4)

869.9449 – Ensaio brasileiro sobre período específico (Biblioteca 3)

Neste caso é interessante notar que a maioria das bibliotecas aqui citadas considera esta obra um livro de História do Brasil, enquanto os dois institutos de pesquisa o consideram uma obra literária, opinião bastante popular já que este livro é considerado por muitos uma obra-prima da literatura brasileira, literatura entendida como criação e construção, chegando alguns a afirmar ser esta uma obra de criação poética (Campos, 2010).

O livro *Os sertões* poderia ser classificado também como um romance histórico ou uma obra literária com temática social, mas na maioria das bibliotecas vemos uma opção pela simplicidade.

Na Figura 3 vemos duas classificações diferentes nas Bibliotecas 1 e 3 que pertencem ao mesmo Sistema de Bibliotecas.

³ Fonte: <http://acervus.unicamp.br/>

Identificação	Preferências	Catálogos	Fale Conosco	Encerrar Sessão
Buscas	Resultados	Buscas Anteriores	Meus Docs.	Histórico
Adicionar Reg. Meus Docs.		Localizar	Salvar / E-mail	
Registro Completo				
Escolher formato: Padrão Ficha Formato Reduzido Nomes MARC Campos MARC				
Registro 103 de 111 ◀ Registro Ant. Próx. Registro ▶				
No. de sistema [000606392]				
Cunha, Euclides da 1866-1909				
Os sertões; : campanha de Canudos -- São Paulo : Livraria F. Alves, 1936.				
x, 646 p. ; maps : 24 cm				
[FFLCH] SME(981)C977s 13.ed. Sem condições de uso				
[IEB] RAS 869.9449 c972s 13.ed.				
LITERATURA BRASILEIRA				
Brazil -- History -- Canudos Campaign, 1893-1897				

Figura 3 - Registro da obra Os Sertões nas Bibliotecas 1 e 3.⁴

A obra de Haroldo de Campos recebeu cinco classificações, sendo quatro delas para o livro *Galáxias*:

- 869.14 – Poesia brasileira – 1921 – 1999 (Biblioteca 5)
- 869.91 – Poesia brasileira (Biblioteca 4)
- 869.915 – Poesia brasileira – 2000 em diante (Biblioteca 1)
- B869.15 – Poesia brasileira – 2000 em diante (Biblioteca 2)
- B869.8 – Miscelânea brasileira (Biblioteca 6)

Neste caso três pontos merecem destaque:

O primeiro ponto é que o autor é classificado em dois períodos distintos, Haroldo de Campos faleceu em 2003 e iniciou sua carreira literária na década de 1950, então parece óbvio classificá-lo no período que vai de 1921 a 1999, porém as duas bibliotecas universitárias optaram por classificá-lo no período que vai de 2000 em diante, época em que ele pouco viveu. Talvez a decisão possa ter sido baseada no fato de que sua obra sempre foi revolucionária e nada tem em comum com a poesia que se fazia no país nos anos 1950, 1960. Acreditamos que essa opção seja interessante e acertada, mas evidencia a subjetividade envolvida na classificação.

O segundo ponto é que nenhuma das bibliotecas o classificou como um poeta concreto, embora seja ele um dos mentores do movimento da poesia concreta no Brasil.

O terceiro ponto é que a Biblioteca 6 classifica a obra *Galáxias* como Miscelânea enquanto as Bibliotecas 1, 2 e 4 a classificam como uma obra poética, a obra é uma prosa poética, mas provavelmente por sua feição de mosaico foi classificada como miscelânea, mais uma vez fica evidente a subjetividade inerente à profissão do catalogador mesmo diante de um instrumento que se propõe objetivo.

Podemos notar ainda que embora a classificação não contemple a poesia concreta a biblioteca 2 utiliza a indexação para referencia-la, como mostra a Figura 4, funcionando assim a classificação e a indexação como um conjunto de ferramentas que tornam a comunicação com o usuário mais efetiva.

⁴ Fonte: http://dedalus.usp.br/F/6U8D4C4L6L47GVKLT8QB4B57K3MP1QY9SNICAB21FV639BF5KE-30533?func=full-set-set&set_number=008556&set_entry=000103&format=037

Ficha resumida da obra	
Inf. publicação	LIVROS - Português
ISBN	8573263008 (broch.)
Número de chamada	
Classificação	B869.15
Notação	C157g
Complemento	2.ed.
Ent. princ.	Campos, Haroldo de, 1929-2003
Título	Galaxias / Haroldo de Campos ; organização de Trajano Vieira.
Edição	2. ed. rev
Imprenta	São Paulo, SP: Editora 34, 2004.
Desc. física	127 p. + 1 cd.
Notas	
Gerais	Inclui o cd 'Isto não é um livro de viagem'
Assuntos	1. Poesia brasileira 2. Poesia concreta brasileira

Figura 4 - Registro da obra Galáxias na Biblioteca 2.⁵

Anteriormente vimos os recursos existentes na CDD, e embora no início a tabela limitasse as obras literárias às suas línguas e formas, já há algumas décadas isso vem sendo corrigido e a possibilidade de classificações mais específicas existe.

Então por que a não utilização dos recursos disponíveis na CDD?

Algumas hipóteses podem ser pensadas.

Podemos notar que a opção nas notações parece ir na maioria das vezes na direção da simplicidade, o que é apontado como uma qualidade desejável na notação e não acontece com classificações muito específicas que geram números com muitos algarismos, mas também pode nos levar a questionar o conhecimento do catalogador tanto com relação ao sistema de classificação quanto com relação ao material com o qual está trabalhando.

As alternativas para a organização de obras literárias vão na mesma direção das tabelas auxiliares da CDD, em alguns casos com menos possibilidades, porém são propostas menos técnicas e que tendem a uma comunicação mais direta com o usuário.

Talvez devêssemos considerar também que estamos em uma nova era do conhecimento que pede novos sistemas de classificação para organizar novos conhecimentos e novas demandas de informação.

Considerações finais

A classificação é um processo natural intimamente ligado ao meio e época em que vivemos, sendo derivada da cultura dominante. Sendo cultural também tende a ser naturalmente subjetiva, e embora os sistemas de classificação criados ao longo dos séculos tentem ser objetivos eles são rigidizados por um conhecimento socialmente construído.

O Sistema de Classificação Decimal de Dewey foi criado há mais de um século e ao longo deste tempo vem trabalhando para acompanhar o progresso do conhecimento e dar o suporte necessário para sua organização. Os recursos do sistema vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de suprir as demandas de uma explosão de informações. Como pudemos observar a área de literatura ganhou com o tempo um novo enfoque ao possibilitar a classificação do texto através de seus temas e não mais apenas por sua forma.

⁵ Fonte: <http://acervus.unicamp.br/>

Porém novas alternativas estão surgindo com a mesma finalidade, alternativas que aparentemente priorizam os usuários da informação mais do que os profissionais que com ela trabalham.

Como também observamos em nosso estudo exploratório, as bibliotecas pouco utilizam os recursos disponíveis na CDD, recorrendo por um lado a suas notações mais simples, e por outro ao auxílio da indexação.

Talvez esta seja uma indicação de que um novo tempo exija novas formas de pensar o conhecimento, e em um tempo no qual a informação está cada vez mais acessível a todos, precisamos mudar o enfoque de trabalho para atender as novas demandas.

Porém para responder essas questões de forma satisfatória e avançar nesta discussão seria necessário um estudo específico junto a catalogadores e usuários para compreender como são tomadas as decisões dos profissionais e quais são as novas demandas dos usuários.

Referências

- BURKE, P. (2003). *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LANGRIDGE, D. (2006). *Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Interciência.
- BARBOSA, S.; MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. (2005). *Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais*. Brasília: Briquet Lemos.
- POMBO, Olga. (1988). Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, n. 2, p. 19 - 33. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf> - Acessado em: out./2012
- GUARIDO, M. D. M. (2010). *CDD e CDU: uso e aplicabilidade para cursos de graduação em biblioteconomia*. Marília: FUNDEPE.
- GUARIDO, M. D. M. (2008). *Como usar e aplicar a CDD – 22ª.edição*. Marília: UNESP.
- LENTINO, N. (1971). *Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica*. São Paulo: Polígono.
- SANTOS, M. N. (2002 – 2010). *Classificação Decimal de Dewey: classificação das obras literárias*. v. 3. – ver. 2010 para uso didático.